

STROEKEN, Koen (org.). ***War, Technology, Anthropology.***
New York: Berghahn Books. 2012. 152 pp.

André Vidal Viola

Graduando em Ciências Sociais, UFSCar

Durante campanha em 2006, o senador americano John Kerry, discursando diante de um grupo de estudantes universitários em Pasadena (CA) disse: “se estudarem bastante, fizerem suas lições e um esforço para serem espertos, podem ser bem sucedidos. Caso contrário, ficam presos no Iraque.”¹(BECKMANN, 2006, tradução nossa). O democrata ecoava assim, ainda que involuntariamente, as estatísticas que explicitavam a relação entre alistamento e pobreza (SMALL, 2009), e indiretamente apontava a educação como uma alternativa para escapar aos horrores e sofrimentos da guerra.

O fato é que existem muitas maneiras de alguém se encontrar preso a uma guerra, o envolvimento direto no campo de batalhas é apenas uma. O que Kerry parecia ignorar, pelo menos no seu discurso, era que a guerra vai muito além dos campos de batalha. A guerra penetra e transforma as mais diversas relações sociais, nos mais diversos espaços dessas relações. Isso não constitui uma novidade das guerras atuais do Iraque ou do Afeganistão. Uma guerra demanda um esforço orçamentário, fiscal e produtivo com impactos diretos e indiretos na economia, bem como um envolvimento humano nas mais diversas escalas, indo do alistamento ao apoio nacional, do universo acadêmico ao midiático, do indivíduo ao estado. A guerra é uma maior ou menor totalidade, mas é sempre total, um complexo de múltiplas determinações políticas, econômicas e sociais. A fala do senador era paradoxalmente a prova de que aqueles alunos já estavam, de fato, presos no Iraque.

Em uma sociedade profundamente orgulhosa e extremamente sensível dos seus aparelhos militares, as desculpas não tardariam a vir. Pouco depois o senador reformulou sua frase como um comentário jocoso contra Bush, “caso contrário *ficamos* presos no Iraque. Perguntem ao Presidente Bush”. Assim o paradoxo foi generalizado, a culpa foi transferida para a ignorância de uma única pessoa e todos continuaram presos no Iraque. O concorrente republicano John McCain, respondendo

¹ “You know education, if you make the most of it, you study hard, you do your homework, and you make an effort to be smart, you can do well, and if you don’t you get stuck in Iraq”.

a gafe de Kerry, deu um ótimo exemplo da dimensão desse paradoxo dando a entender que seria de tirar o sono do americano a ofensa contra aqueles que sofrem e se arriscam para garantir o sono dos americanos (BECKMANN, 2006). Enquanto alguns autores seguem discutindo a guerra como uma suspensão do estado de direito, a guerra prossegue se afirmando como uma suspensão da lógica e da razão.

A universidade deseja ser um lugar fora do mundo, que pensa sobre ele sem as agruras de praticá-lo, uma neutralidade ilusória que produz miséria mas não a sente e produz a dor da qual não é vítima. Independente dos seus desejos, a universidade não apenas está inserida na sociedade como é uma parte que interage com ela. Por isso mesmo está tão envolvida na guerra quanto os demais setores da sociedade. Novamente, isso também não é nenhuma novidade, o envolvimento do Massachusetts Institute of Technology (MIT) com a segurança nacional fez desse instituto o maior portador de contratos, sem fins lucrativos, do Department of Defense (DoD) já na década de 1940 (GLENN, 1989). O envolvimento da intelectualidade americana com os interesses militares do governo foi intensamente denunciado por Noam Chomsky em seu artigo “The Responsibility of Intellectuals” de 1967, artigo que fazia referência à atualidade, naquela altura, de uma série de textos de Dwight Macdonald de meados de 1947. Tragicamente o elo não se rompeu e a leitura do artigo de Chomsky continua assustadoramente atual.

É no interior desse antigo debate que se encontra o livro “War, Technology, Anthropology” (2012), uma coletânea de nove artigos que abordam os desdobramentos das relações entre antropologia e tecnologia de guerra. É lógico que os cenários da segunda guerra mundial, guerra do Vietnam e as atuais guerras no Iraque e Afeganistão não são os mesmos, o que permanece é o tema central. Mas essa linha histórica é repleta de discontinuidades e o debate proposto pelo livro é um tema velho em um cenário novo – e isso muda tudo. O impacto desse novo cenário na academia e nas diversas teorias que circulam no seu interior é a camada de fundo onde se inscreve o debate central do livro. Nesse sentido o leitor não familiarizado com o debate sobre as mudanças globais deve sentir-se inclinado à leitura atenta de pelo menos uma parte da bibliografia trazida no livro. Exemplos importantes são Hardt e Negri (2004) e Kapferer (2005), fundamentais para a compreensão da divisão do livro em perpetuação e globalização da guerra e da transformação dos Estados no período atual.

Na introdução do livro o seu organizador Koen Stroeken apresenta uma dualidade do seu objeto. Se por um lado o livro busca apresentar a tecnologia de guerra como um objeto da antropologia, por outro, visa mostrar como a própria antropologia pode ser ela mesma uma tecnologia de guerra. O uso da antropologia como tecnologia de guerra é apresentado por Stroeken em três pontos. O primeiro é o fornecimento de dados etnográficos para uso militar de populações consideradas insurgentes. Esse ponto constitui uma preocupação central do artigo de Roberto

González, terceiro artigo do volume, que trata do desenvolvimento de softwares baseados em modelos comportamentais para a simulação de cenários de conflito e para a automação na coleta, processamento e entrega de informações que possibilitem um aumento no poder de combate. González produz uma rica visão sobre o envolvimento e o impacto dos “Human Terrain Systems” (HTS) na antropologia.

O segundo ponto é a difusão de um conceito militarizado de cultura que busca justificar a intervenção violenta por atribuição de costumes tribais e práticas culturais violentas em oposição aos valores democráticos. O quarto artigo do livro, de autoria de Brian Ferguson, liga o primeiro ponto e o segundo, mas vai muito além disso trazendo à tona as profundas transformações teóricas e institucionais que o orçamento militar produz no interior da antropologia. Também o sétimo artigo, de Sverker Finnström, busca discutir o uso endêmico daquilo que Mike Davis chamou de *apartheid* semântico (Davis, 2006, p.202) como justificação da violência por parte do Estado contra toda forma de insurgência.

O terceiro ponto, e também o menos aparente, trata da produção de um silêncio sobre aspectos culturais presentes nos discursos sobre direitos humanos ou debates sobre pobreza e conflito, i.e., a ausência da crítica de uma universalização que ignora as diferenças. O último artigo do livro, de Whitehead e Abufarha, mostra a importância da *fala antropológica* como arma contra o esvaziado discurso sobre *segurança doméstica* e *guerra ao terror*. Os textos de Koen Stroeken, da introdução e do oitavo artigo, denunciam como o combate localizado à pobreza, um reducionismo econômico, o *democratismo* ou o *milagre educacional* são incapazes de enfrentar, mas capazes de reproduzir os reflexos de uma transformação socioeconômica de escala global. Este terceiro ponto não deixa dúvidas de que para Stroeken é preciso ir além da neutralidade teórica e tomar posição no debate proposto. A crítica da indiferença que reproduz uma postura arrogante de universalização é uma tarefa antropológica. No entanto não se trata de uma bravata moral; essa tarefa vem na esteira do argumento de Hardt e Negri (2004, p.28, tradução nossa) onde:

Moralidade só pode prover uma base sólida para a legitimação da violência, da autoridade e dominação quando se recusa a admitir diferentes perspectivas e julgamentos. Uma vez aceita a validade de diferentes valores, essa estrutura colapsa imediatamente.²

Expandindo o argumento de Stroeken neste terceiro ponto, é preciso falar ainda mais que antropológicamente, é preciso romper o casulo que as metodologias atuais teimam em fabricar para manter as diversas áreas do conhecimento separadas.

² “Morality can only provide a solid basis to legitimate violence, authority, and domination when it refuses to admit different perspectives and judgments. Once one accepts the validity of different values, then such a structure immediately collapses.”

Stroeken levanta, ainda na introdução, a questão de como é possível explicar a transição dos conflitos da guerra-fria, baseados em uma “ameaça real” para os conflitos atuais onde um dos lados não constitui ameaça direta à existência do outro. Ainda que inflacionada pela mídia e pelo governo americano, a “ameaça islâmica” não possui nenhum paralelo com o potencial destruidor do antigo bloco soviético. A ideia de um antagonismo religioso produzido pela crescente influência de setores conservadores no governo americano não é uma explicação suficiente. Tal antagonismo parece ultrapassar as fronteiras dos grupos religiosos, contrapondo noções abrangentes como ocidente e oriente, atribuindo ao primeiro valores como igualdade, democracia e direitos humanos. Se a universalização dos valores ocidentais serve de justificativa às intervenções do pós guerra-fria então não se pode, ou não se deve, ignorar a dimensão cultural do conflito. Ao calar, as ciências sociais, particularmente a antropologia, consentem. A questão previamente colocada pelo autor se transforma em um questionamento dirigido à própria antropologia, uma problemática da própria teoria. Stroeken aponta que sem um tratamento adequado por parte das teorias antropológicas sobre a tecnologia de guerra é a própria antropologia quem, potencialmente, se torna um objeto da tecnologia de guerra.

Se dessa forma a dualidade prévia aparece resolvida, como aparente contradição, ela com certeza não está superada. O texto prossegue como um esforço do autor de trazer à luz as semelhanças entre as teorias sociais da atualidade, chamadas por ele de teorias pós-crítica, e aquelas que serviram de instrumento e justificativa dos processos coloniais, como o funcionalismo. Para o autor, mesmo naquilo que trazem de novo, as teorias da atualidade parecem comprometidas com as necessidades do atual imperialismo (ou do império, se preferido), um mecanismo explicitado pela adoção de uma suposta simetria entre grupos sociais. Tais teorias ou se calam, desconsiderando a existência de assimetrias entre os *atores*, ou ajudam a produzir uma militarização do conceito de cultura e uma desumanização da guerra, pontos chave para sua extensão no tempo (“*the long war*”) e no espaço (surgimento de múltiplos *cenários* e segurança doméstica).

Embora a desumanização seja assunto de todos os artigos, são os quatro textos de Jeffrey Skula, Antonius Robben, Robertson Allen e Matthew Sumera que desenvolvem de forma mais sistemática o tema através da virtualização, da ressocialização (virtualizada?) e da produção de uma nova estética das representações do combate. É interessante notar como os textos de Allen e Robben possibilitam pensar em uma intrincada relação entre tecnologia e *territórios* povoados por uma versão empobrecida de seres humanos e ambientes digitalizados presentes em jogos e softwares de estratégia militar.

A extensão no tempo e no espaço divide o livro em duas partes. No entanto, esta separação é muito mais um corte do organizador do que uma diferenciação imanente do conteúdo dos artigos. Não poderia ser diferente, a globalização e perpetuação dos conflitos são mecanismos distintos de

uma mesma dinâmica, o suporte bélico do imperialismo atual. É bastante prudente pensar que esses mecanismos não são uma lógica da violência, uma força que move por si segundo suas regras. Também não é uma dinâmica perpetrada por um desejo irracional de violência, um conceito negativo de humano. É o imperialismo a força motriz desses mecanismos – talvez mecanismos e dinâmicas não sejam os termos adequados aqui, mas vão ao encontro do desejo de Stroecken de revisitar a *hipótese substantivista* de uma possessão “fantasmagórica” na máquina institucional. Esse corte é talvez uma forma de denúncia velada da reordenação político-econômica do mundo defendida por Kapferer (2005), produto de uma radical transformação, dirigida tanto para o interior quanto para o exterior, dos estados tradicionais em estados corporativos oligárquicos. As posições de Kapferer, Hardt, Negri, Stroecken e demais estão no centro de diversas polêmicas, e esse talvez seja o maior atrativo do livro. A mundialização financeira, as crises e os conflitos militares fazem parte de uma mudança conjuntural acelerada que recoloca de forma urgente a centralidade das ciências sociais.

Esse volume, o décimo terceiro da coleção “Critical Interventions: A Forum For Social Analysis”, traz um debate riquíssimo com um pano de fundo atualizado em um palco tão velho quanto as ciências sociais institucionalizadas. Subir nesse palco é descer para o mundo. Sem abrir mão da batalha acadêmica e institucional, as teorias sociais só podem se realizar fora de si mesmas, não simplesmente como área de conhecimento e sim como aparato crítico da sociedade. O verdadeiro lugar do embate teórico não é o do pensamento abstrato, mas o mundo real.

Bibliografia

- BECKMANN, Dan. *Tony Snow Reads Kerry Quote Into the Official Record*. 2006. Disponível em: <http://abcnews.go.com/blogs/politics/2006/10/tony_snow_reads/>. Acesso em: 15 jul. 2013.
- CHOMSKY, Noam. *The Responsibility of Intellectuals*. 1967. Disponível em: <<http://www.chomsky.info/articles/19670223.htm>>. Acesso em: 15 jul. 2013.
- DAVIS, Mike. *Planeta Favela*. São Paulo: Boitempo, 2006. 272 p.
- GLENN, Daniel J. *MIT research heavily dependent on defense department funding*. 1989. Disponível em: <<http://tech.mit.edu/V109/N7/glenn.07o.html>>. Acesso em: 15 jul. 2013.
- HARDT, M.; NEGRI, A. *Multitude: War and Democracy in the Age of Empire*. New York: Penguin Press, 2004. 405 p.
- KAPFERER, Bruce. *Introduction: Oligarchic Corporations and New State Formation*. 2005. Disponível em: <<http://www.ingentaconnect.com/content/berghahn/socan/2005/00000049/00000001/art00008>>. Acesso em: 15 jul. 2013.
- SMALL Towns Hit Hard By War*. The Associated Press. 2009. Disponível em: <http://www.cbsnews.com/8301-201_162-2494309.html>. Acesso em: 15 jul. 2013.
- STROEKEN, Koen (org.). *War, Technology, Antropology*. New York: Berghahn Books, 2012. 152 p.

Recebido em 13 de Dezembro de 2013

Aprovado em 15 de Dezembro de 2013